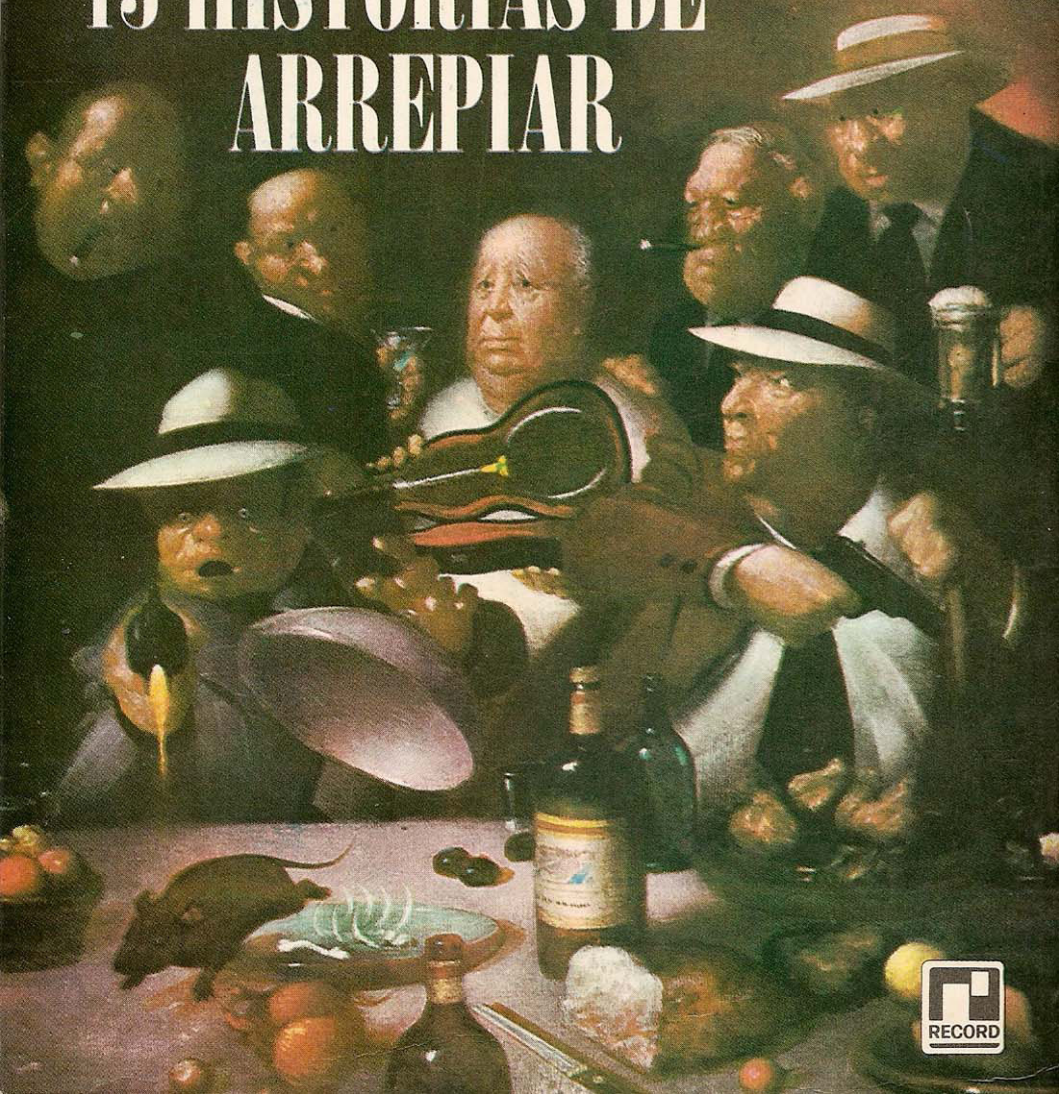


# ALFRED HITCHCOCK

apresenta:

## 13 HISTÓRIAS DE ARREPIAR





ALFRED  
HITCHCOCK  
APRESENTA:

# 13 HISTÓRIAS DE ARREPIAR

Tradução de

A. B. Pinheiro de Lemos

Editora Record



## INTRODUÇÃO

Eu gostaria de ocupar este espaço para promover um projeto que me é muito caro.

Como todo mundo sabe, eu seria o último a reclamar de qualquer coisa que fomenta o sangrento, o fantástico, o fantasmagórico, o horrível. Sempre que chamado a colaborar com uma nova revista de horror ou a endossar um novo produto medonho, nunca me fiz de rogado. Por maior que tenha sido meu sucesso, nunca hesitei em oferecer algumas palavrinhas de estímulo a algum humilde assassino de machadinha ou a um pobre coitado que gosta de pisotear suas vítimas.

Sendo assim, provavelmente será uma surpresa para meus discípulos saber que sou a favor da abolição do Halloween, o Dia das Bruxas (véspera de Todos os Santos). Surpresa ou não, o fato é que tenho influentes agentes em postos-chaves, lutando para que a festividade seja extirpada do calendário e substituída por alguma outra coisa. Afinal, nenhum adulto em seu juízo perfeito pode deixar de concordar que o Dia das Bruxas se transformou numa chatice insuportável. Somente o Dia do Papai consegue superá-lo em matéria de tédio e hipocrisia.

Embora as origens do Dia das Bruxas estejam mergulhadas nas trevas da pré-história, de um modo geral todos concordam que as raízes se encontram nos festivais da colheita romana e druida. O momento de colher os frutos do verão assinalava o prenúncio do inverno, o qual, como qualquer pessoa com um mínimo de pensamento poético é capaz de imaginar, representa simbolicamente a morte da natureza.

As Forças das Trevas, oficialmente, obtinham assim a supremacia, no Dia das Bruxas, espalhando a confusão e o terror pelos campos. Dúndes e gnomos, harpias e megeras, fantasmas e espíritos, bruxos e feiticeiros disseminavam o terror e a desolação entre os campônios. Esses es-

píritos das trevas desencadeavam sua virulência na época da Saturnália, continuavam a manifestar-se pelos Idos de Março e não se aquietavam até os dias oficiais do renascimento da natureza, comemorado no Dia das Mães. As Forças do Mal voltavam então para o fundo da terra, onde ficavam a imaginar novos terrores para o outono seguinte.

Essas terríveis incursões foram um tanto modificadas no Século VI, quando Bombazine, o Sereno, um patriarca druida, instituiu o Dia de Ação de Graças, como uma festividade preventiva. Espertamente, ele pressentiu que esse feriado iria quebrar o impulso das festividades que duravam o inverno inteiro, de tal forma que somente alguns demônios mais empedernidos sobreviveriam para o aparecimento na Véspera do Ano Novo. A Walpurgisnacht (véspera de 1.º de Maio) também está envolvida nessa história, mas não posso deter-me agora para explicar como.

O costume de pregar peças nos outros, no Dia das Bruxas, surgiu quando os humanos, ciumentos (como sempre) dos poderes possuídos pelos elementos sobrenaturais, desejaram semear o mesmo tipo de devastação e terror sobre pessoas e propriedades. Tal inveja, estimulada pela energia liberada com o fim da colheita e lubrificada pelos vinhos e bebidas alcoólicas feitas de cereais, abundantes naquela estação, inspirou a população rural a causar uma grande variedade de danos. Sobrepondo-se a todas as demais tropelias, havia a ameaça que hoje é conhecida como Trick or Treat (Travessuras ou Regalos).

A palavra trick tem suas raízes na palavra grega trichinos (de cabelos), vem do latim tractare (tratar). Torna-se evidente, portanto, que o costume remonta a um tempo em que as pessoas iam visitar as casas e gritavam “Cabelos ou Traio” para os moradores. Não faz muito sentido para nós, é verdade, mas, afinal, muito pouca coisa daquele tempo o faz.

Pois bem, as coisas transcorreram tranqüilamente dessa maneira, durante mil e tantos anos, somente afetadas pelas Cruzadas e pela Guerra Sino-Japonesa. Mas esses dias alegres e despreocupados teriam um fim abrupto, com o advento dos Estados Unidos. Nesse momento, o que de pior havia na natureza humana e merecidamente prevalecera durante quase toda a história conhecida desfigurou-se completamente, criando-se condições totalmente adversas ao florescimento das Forças das Trevas. Não tenho a menor idéia do que há com os Estados Unidos da América que faz com que as festividades mais respeitáveis se desvirtuem, ao chegar às nossas bandas. Além do mais, trata-se de um problema irrelevante



aos objetivos do estudo que ora estou apresentando.

Não vou entrar em detalhes sobre as atrocidades que meus companheiros e eu costumávamos cometer, mas direi que, no meu tempo, os meninos demonstravam um gênio impressionante para aumentar os sofrimentos deste mundo e as variedades pelas quais podiam ser infligidos. Quando batíamos na porta de uma casa e berrávamos “Trick or Treat!” esperávamos ser tratados com nada menos que todo o conteúdo do cofre na parede ou o equivalente em balas e doces. Se tal não acontecia, perpetrávamos trcks ou travessuras na mesma escala do ataque dos comandos a Dieppe ou o Motim dos Sipaios. Alabardas, arcos, clavas, ácidos corrosivos, azagaias, boleadeiras e garrotes eram alguns dos instrumentos com que executávamos nossa vingança. Quando voltávamos para casa, deixávamos atrás de nós um cenário que se parecia com o de uma comunidade costeira após um maremoto, com carros aninhados em cima de árvores, trilhos de trens retorcidos como grampos, em torno dos postes telefônicos.

Em contraste com isso, observe-se agora uma típica comunidade moderna no Dia das Bruxas.

Com várias semanas de antecedência, os comerciantes locais começam a abastecer suas prateleiras tanto com os petrechos para o terrorismo como com os meios para impedi-lo. Os comerciantes sempre foram oportunistas em tempos de distúrbios civis e não agem de maneira diferente nessa ocasião. Não favorecem a nenhum dos lados e encorajam a ambos. Os supermercados são terra de ninguém, onde os oponentes se misturam, em torno da fonte única de suprimentos.

No arsenal ofensivo, encontramos armas tão temíveis como trajes de gaze representando feiticeiros, monstros, duendes; e irrelevâncias como piratas, freiras e ratos do campo. Há também máscaras de gaze de vampiros, esqueletos, gatos pretos e as celebridades ora reinantes na televisão. E ainda há sacolas de compras, em cores alegres, para se recolher a pilhagem. Isso sem falar nas inevitáveis caixas de giz, de cores suaves.

No lado da defesa, há material destinado a assustar ou apaziguar os diabinhos, como esqueletos de papelão e outros implementos semelhantes, abóboras de papier-mâché com ou sem lâmpadas elétricas, imensos estoques de doces, fabricados com os formatos de personagens familiares da demonologia, tais como Drácula, Quasímodo e o Pato Donald. Tudo é exibido na maneira apropriada para a melhor venda das mercadorias.

Todos os produtos estão expostos de forma a se exigir o mínimo esforço da imaginação.

Como são as mães que compram as coisas que as crianças usam no Dia das Bruxas, não é de admirar que a festividade se caracterize hoje por ser totalmente inofensiva. Na verdade, a segurança é a preocupação básica e todos conspiram para que ninguém saia machucado, fique assustado ou mesmo vagamente confuso.

A Câmara de Comércio local seleciona as paredes que as crianças podem riscar com giz. Meninos e meninas são devidamente instruídos para o fato de que dar sustos em adultos pode provocar ataques cardíacos. E como as crianças não querem carregar pelo resto de suas vidas a responsabilidade pela morte de um adulto, tratam de limitar sua assombração a gemidos bem modulados, quase tímidos e envergonhados. Os motoristas são alertados a guiar com mais cautela do que o habitual, porque os pequenos terroristas podem não ver a aproximação dos carros pelos cantos de suas máscaras. Aumentando-se as precauções, as mães tratam de costurar insígnias fosforescentes nas mangas ou pernas das calças das crianças. Os policiais são convocados em peso para a ocasião, mas não para impedir a violência e a pilhagem e sim para ajudar os saqueadores a atravessarem as ruas. Organizam-se festas para mantê-los inteiramente longe das ruas, proporcionando-se brincadeiras como morder a maçã pendurada de um barbante, sem auxílio das mãos, a fim de que as crianças possam dar vazão a seus impulsos diabólicos.

Um pequeno grupo de crianças mais ousadas, que não se deixam intimidar pelos pais preocupados, percorre as ruas, provocando uma confusão infernal peculiar às crianças americanas do século XX. Disfarçadas em fantasmas, ratos do campo ou Ben Caseys, essas crianças vão de porta em porta a murmurarem “Trick or Treat!”, sempre esperando plena cooperação. Não têm a menor idéia do que possam fazer, caso encontrem alguma resistência. Mas jamais deparam com a mínima resistência e a cooperação é abundantemente oferecida. Mães e pais recebem as crianças com gritinhos de admiração e divertimento diante das fantasias, apressando-se a entregar-lhes sacos de pipoca, doces e tostões. A operação é rápida e bem organizada. Torna-se impossível determinar se existe prazer ou sofrimento na troca efetuada. As crianças, encarando aquelas oferendas de paz como algo invariável e rotineiro, guardam o saque em suas sacolas, indiferentes, partindo em busca da próxima vítima.



Assim, podemos dizer que o Dia das Bruxas é de fato muito perigoso. Em nenhuma outra ocasião o perigo para uma juventude saudável torna-se mais patente. Parece que esquecemos que os três elementos principais da psicologia de uma criança são a imaginação, o desafio e o instinto de destruição. Dêem a uma criança um dos chamados brinquedos pedagógicos. Se a criança tiver um mínimo de espírito, irá destruir rapidamente o brinquedo e encontrará coisas interessantes e variadas para fazer com a caixa que o continha.

As crianças não querem cooperação e supervisão no Dia das Bruxas; querem ser desafiadas a cada passo do caminho. Não querem ganhar guloseimas, a menos que isso custe alguma coisa ao doador, em angústia mental. Não querem festas controladas nem ruas bem iluminadas; não querem trajes pré-fabricados ou lugares especialmente designados onde possam destruir propriedades sem valor. Elas querem, simplesmente, provocar uma confusão dos diabos, atemorizar de fato.

Não estou assumindo a posição de que as crianças são monstros puros, porque sou sensato o bastante para saber que não existe nada puro neste mundo. Mas creio que é vital que reconheçamos uma acentuada tendência em toda criança normal e saudável a ser rude e mal-educada. O Dia das Bruxas oferece uma excelente oportunidade para que as crianças dêem vazão às suas atitudes anti-sociais, reprimidas durante todo o resto do ano. Se suprimirmos completamente tal possibilidade, estaremos eliminando uma fonte vital de criatividade. Isso pode causar o aumento de alunos reprovados na escola secundária, problemas alcoólicos, socialismo radical e uma incidência 31 por cento mais elevada de cáries dentárias, botulismo e calvície precoce. Vamos, portanto, devolver a essa festividade as suas características anteriores de indignidade e desrespeito. Ou então encontremos uma alternativa apropriada. Já temos o Dia das Mães e o Dia dos Pais. Assim, o melhor substituto seria o Dia das Crianças, completando-se a tendência para a idolatria das crianças, que vem aumentando desde que as leis do trabalho infantil libertaram a nata da nossa juventude.

Alfred Hitchcock



## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

